



O Uso dos Gêneros Textuais Jornalísticos nas Escolas de Ensino Médio de Frederico Westphalen¹

Daniela Cristina Peiter TONDOLO²

Elias José MENGARDA³

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

RESUMO

Esta pesquisa quantitativa verifica junto aos professores de Ensino Médio, de escolas públicas de Frederico Westphalen/RS, o uso por eles feito dos gêneros textuais jornalísticos, além dos diferentes veículos de comunicação, utilizados como suporte didático em sala de aula. Com esse levantamento traçamos um perfil qualitativo da amostra quanto à utilização dos textos jornalísticos – difusores de eventos da realidade social – mostrando em que medida estes são utilizados na promoção de conhecimento e reflexão crítica dos alunos. Os resultados mostram que a maioria dos educadores, numa perspectiva contemporânea de educação, abre espaço para entidades sociais (como o jornalismo) e tecnologias emergentes (internet) para melhor preparar os alunos para a participação social.

PALAVRAS-CHAVE: gêneros textuais jornalísticos; meios de comunicação; educação; conhecimento..

INTRODUÇÃO

Na sociedade globalizada do século 21, a comunicação desempenha papel fundamental na vida dos indivíduos. Mais do que a função de levar a informação, as mídias desempenham também o papel de construir conhecimento, promover o debate público e estimular a criticidade. A comunicação de “massa” criticada por muitos autores no fim do século XX, passa a ser entendida como forma de “compreensão do mundo fora do alcance de nossa experiência pessoal” (THOMPSON, 1998, p. 38). Nesse contexto insere-se o jornalismo, o principal responsável dentre os meios de comunicação, por disseminar conteúdos e eventos sociais. Thompson destaca ainda que,

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Estudante de graduação do Curso de Comunicação Social – Hab. Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Centro de Educação Superior Norte RS – Cesnors, e-mail: danielacristina@gmail.com

³ Dr. em Linguística, área de concentração em Psicolinguística pela UFSC, orientador do trabalho e professor do curso de Comunicação Social - Hab. Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, e-mail: eliasmengarda@yahoo.com.br



apesar de no mundo globalizado as informações serem difundidas em escala global, são apropriadas de forma local:

A apropriação dos produtos da mídia é sempre um fenômeno localizado, no sentido de que ela sempre envolve indivíduos específicos que estão situados em contextos social-históricos particulares, e que contam com os recursos que lhes são disponíveis para dar sentido as mensagens da mídia e as incorporar em suas vidas. (THOMPSON, 1998, p. 155)

Dentre os produtos de mídia, o jornalismo, mais do que qualquer outro formato de produção midiática, tem o caráter de produção de saber, no sentido de que, ao trazer os acontecimentos da realidade a público, contextualiza-os e problematiza-os, fazendo com que os leitores também possam pensar sobre o que está sendo noticiado. Assim, pode-se afirmar que, tal qual a educação, o jornalismo é construtor de ideias e formador de opiniões. No entanto a escola e o jornalismo são instituições sociais diferentes, e utilizam formas divergentes de linguagem para levar ao seu público as informações. Portanto, escola e jornalismo produzem gêneros textuais diferenciados, cada qual voltado para um público específico, com determinada finalidade e através de uma linguagem específica. Nesse sentido, é importante entender que há algumas décadas, passaram a ser realizados no Brasil estudos no campo linguístico a respeito dos gêneros textuais. Ao longo desses anos, tem se firmado a concepção de gêneros textuais como formas estáveis. Lia Seixas, que estudou a fundo os gêneros textuais jornalísticos, traz com clareza essa definição:

A noção de gênero como tipo relativamente estável considera que, às situações de interação verbal típicas, corresponderiam unidades discursivas típicas. Dentro de uma dada esfera social e por um determinado período, as dimensões extralingüísticas – finalidades discursivas, as concepções de emissor (autor) e receptor (destinatário), papéis, responsabilidades – se estabilizam. (SEIXAS, 2009, p. 34)

Mas, se escola e jornalismo são instituições sociais diferentes e trabalham com gêneros textuais diferenciados, qual é a relação existente entre elas? Ao conceber que, assim como a escola, o jornalismo é responsável pela difusão de conhecimentos e promoção de debates públicos, certifica-se a importância do jornalismo como entidade social. A partir deste pressuposto, pretendemos verificar nesta pesquisa em que medida os gêneros textuais jornalísticos estão presentes em sala de aula.

É importante considerar nesta pesquisa que no Brasil, atualmente, o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), principal prova de seleção feita pelo Governo Federal para ingresso universitário – tanto público quanto particular – utiliza-se de



informações da atualidade (economia, política, cultura, etc.) na formulação de muitas de suas questões. Em se tratando de gêneros textuais estáveis, sabe-se que a produção jornalística é a principal responsável pela difusão de informações a respeito dessa natureza.

Considerando os dados estatísticos e a preocupação com a inserção dos meios de comunicação em sala de aula, o objetivo primeiro desta pesquisa foi avaliar em escala municipal, em que medida as escolas de Ensino Médio de Frederico Westphalen utilizam os gêneros textuais jornalísticos (de mídia impressa, rádio, tv, internet) na construção de conhecimento e preparação dos alunos para leitura de mundo. Com esse levantamento de dados foi verificado como os professores das diversas disciplinas conseguem selecionar e trabalhar as diversas pautas veiculadas pela mídia e integrá-las aos conteúdos da grade curricular. Além disso, foi possível detectar quais os gêneros textuais jornalísticos mais utilizados pelos professores e, qual a maneira encontrada por estes para trabalhar com os alunos.

Neste ensaio, não nos detivemos em verificar a recepção das mídias de forma geral, e sim a parte específica que abrange a produção jornalística, uma vez que, entende-se que o jornalismo trabalha mais próximo ao factual, como “uma forma de conhecimento da realidade” (SEIXAS, 2009, p. 5), além de possuir – em qualquer uma das formas de veiculação, impresso, tv, rádio e internet – as diversas editorias, que subdividem as pautas sociais por áreas de conhecimento (política, educação, esporte, cultura, etc.), assim como a divisão disciplinar das grades curriculares no Brasil (história, geografia, matemática, etc.).

Com essa justificativa, a pesquisa pretendeu verificar se a leitura de textos jornalísticos é levada a efeito nas escolas já que, esse gênero textual faz parte da sociedade, atingindo pessoas de todos os níveis sociais e com qualquer nível de escolaridade.

GÊNEROS TEXTUAIS

Estudar gêneros textuais não é algo novo, pelo contrário, teve início ainda com Platão A.C. Mas, segundo Marcuschi (2008, p.147) “está na moda”. No entanto, a classificação de gêneros textuais, num primeiro momento, esteve voltada especificamente para fazer a distinção entre as formas de construção textual literárias, hoje, ao falarmos de estudos sobre gêneros, o leque é bem mais amplo, abrangendo



todas as formas possíveis de produção textual lingüística, seja escrita, imagética ou oral. Nesse sentido, a primeira certeza ao partir para o estudo de gêneros, é ter a consciência de que a classificação dos gêneros textuais é uma tarefa que não tem fim, como afirma Koch após citar uma imensa lista de gêneros textuais:

E a lista é numerosa mesmo! Tanto que estudiosos que objetivaram o levantamento e a classificação de gêneros textuais desistiram de fazê-lo, em parte porque os gêneros existem em grande quantidade, em parte porque os gêneros como práticas sociocomunicativas, são dinâmicos e sofrem variações em sua constituição, que, em muitas ocasiões, resultam em outros gêneros, novos gêneros. (KOCH, 2007, p.100)

Desse modo, este ensaio não trata de classificar os gêneros textuais, mas sim, entender o seu significado e a sua importância na comunicação humana, no que se refere à produção de gêneros jornalísticos. Tendo sempre presente a ideia de que os gêneros estão diretamente relacionados a um contexto de produção e/ou a um suporte de transmissão,

Gêneros textuais definem-se como estilos de textos que podem ser agrupados em virtude da função que desempenham, dos objetivos de enunciação e da composição técnica. Assim, os gêneros são agrupados de acordo com o seu padrão “sociocomunicativo”, como afirma Marcuschi (2008, p.155). Alguns exemplos de gênero são: reportagem, carta, piada, cardápio de restaurante, edital de concurso, discurso político, etc. Compreender a existência desses gêneros é essencial, uma vez que eles fazem parte do cotidiano, entremeando as relações humanas, que se estabelecem por meio da linguagem.

Todos, em seu dia-a-dia utilizam-se dos mais diversos gêneros textuais em suas situações de comunicação, e, o interlocutor, ao pré-conhecer o gênero tratado, já pode de antemão fazer uma leitura da mensagem trazida pelo locutor. Por exemplo, se alguém começa a contar uma piada, o interlocutor pode, pelos padrões desse gênero, prever uma intenção do locutor. Esse jogo prévio de leitura acontece a todo o momento, seja com textos mais simples ou com textos mais elaborados.

É importante entender que gêneros textuais, no entanto, não são tipos textuais. Enquanto os gêneros se referem a formas textuais agrupadas de acordo com padrões sociocomunicativos, fazendo parte de uma “listagem aberta”, os tipos textuais são apenas seis categorias: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Para Marcuschi (2008, p.154) “O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais”.



Já os gêneros, estão diretamente relacionados a prática social da língua, e, aos usos, que ao tornarem-se freqüentes em uma comunidade, transformam o texto em uma “receita” pré-elaborada.

Gêneros textuais jornalísticos

Ao tratar de estudos de gêneros textuais, ainda há muito debate e divergências. No entanto Lia Seixas (2009, p. 29) afirma que “Hoje, um consenso do campo de investigação sobre a noção de gênero é a importância do aspecto ‘social’ na sua construção”, isto é a verificação da situação de produção de determinado texto, assim como a instituição envolvida e elementos que compõe a situação comunicativa. Esse entendimento é o mais aceito no campo da comunicação no Brasil, e foi definido por Bakhtin (1981, p. 262) ao dizer que gêneros são formas estáveis de enunciados “concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”.

Em se tratando de gêneros jornalísticos especificamente, a relevância de estudar esse aspecto “social” é ainda mais importante. Isso porque entende-se que o jornalismo, enquanto difusor de informações, é também um comércio lucrativo, vinculado a empresas privadas que defendem interesses particulares além dos interesses de informação da comunidade.

No Brasil, a classificação de gêneros é constantemente modificada, “por não convencerem quanto aos critérios de divisão” como afirma Seixas (2009), isso faz com que, a cada novo estudo científico os gêneros ganhem novos conceitos e divisões. Os dois principais autores brasileiros Luiz Beltrão (1976) e Marques de Melo (1985) classificam os gêneros jornalísticos de forma muito parecida. Luiz Beltrão classifica os gêneros em: Informativo (História de interesse humano, Notícia, Reportagem, Informação pela imagem), Opinativo (Editorial, Artigo, Fotografia e ilustração, Resenha, Crônica, Charge/caricatura, Colaboração do leitor) e Interpretativo (Reportagem em profundidade). Já Marques de Melo divide em: Informativo (Nota, Notícia, Reportagem, Entrevista) e Opinativo (Editorial, Artigo, Resenha, Crônica, Caricatura, Carta, Comentário, Coluna). Em comum, além dos gêneros definidos, são os critérios utilizados para a classificação: finalidade e marcas estilísticas.



PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desta investigação foi feita uma pesquisa quantitativa tendo sido aplicado um questionário de 15 questões de múltipla escolha, nas escolas de Frederico Westphalen. Foram escolhidas: Escola Estadual Técnica José Cañellas, Colégio Agrícola de Frederico Westphalen e Escola Estadual de Educação Básica Sepé Tiaraju. Ao todo foram aplicados 45 questionários aos professores que ministram aulas no ensino médio, nas variadas disciplinas da grade curricular.

As três escolas foram selecionadas por estarem situadas no município de Frederico Westphalen e serem escolas públicas, além de terem o maior número de alunos, conseqüentemente, maior quadro docente. Outro fator discriminante foi por estas possuírem ensino médio, o que é essencial para a realização deste estudo, uma vez que a intenção foi verificar a utilização dos gêneros jornalísticos em sala de aula, em virtude da prova do ENEM conter questões da atualidade.

De acordo com dados do censo do IBGE 2009, Frederico Westphalen possuía nessa data 61 docentes trabalhando no ensino médio em escola pública estadual (Escola Estadual Técnica José Cañellas e Escola Estadual de Educação Básica Sepé Tiaraju) e 14 docentes em exercício no ensino médio em escola pública federal (Colégio Agrícola de Frederico Westphalen). Desse total de 75 docentes atuantes no ensino médio, registrado pelo censo 2009, tendo estes dados, foi estipulado atingir ao menos 60% dos professores para representar esse total, por isso foram aplicados 45 questionários.

Os dados resultantes foram tabulados e analisados qualitativamente de maneira comparativa, traçando um perfil da amostra pesquisada, procedimento indicado na obra *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, do autor Antonio Carlos Gil (2007).

RESULTADOS

A escola é a instituição social voltada exclusivamente para a educação. É na escola que as crianças crescem, desenvolvendo suas habilidades motoras e intelectuais, sob orientação de profissionais que tem a função de apresentar aos indivíduos situações concretas de aprendizagem. Hoje, em virtude das mudanças sociais em torno da constituição familiar e educação moral proveniente da mesma, a escola, mais do que um espaço para desenvolvimento intelectual, é um espaço para o aprendizado de valores éticos e morais, espaço para formação do indivíduo social, participante e atuante na



sociedade. Se antes a escola foi um espaço de conhecimentos científicos e exatos, definidos nos livros didáticos, pode-se dizer que hoje, ela é, além disso, principalmente um espaço social de diálogo, onde os indivíduos opinam e pensam criticamente a respeito dos eventos sociais.

É nessa perspectiva contemporânea de educação que o jornalismo se insere, enquanto mídia responsável pela difusão das realidades sociais. Os conteúdos produzidos pelo jornalismo, nos seus mais diversos gêneros e formatos apresentam-se então como obra prima para a produção de conhecimento na escola. Os textos jornalísticos, nos mais variados gêneros apresentados, servem tanto para a produção de conhecimentos críticos, ao apresentar opiniões diferentes sobre os mais variados fatos sociais, bem como para a geração de novos conhecimentos, ao divulgar novas descobertas científicas, não traduzidas ainda para livros didáticos.

Dentre o público entrevistado, a maioria concorda com a importância de utilizar materiais veiculados pelos meios de comunicação para a produção de conhecimento em sala de aula. 66% dos entrevistados consideram muito relevante a utilização dos produtos jornalísticos, 28% consideram relevante, e apenas 4% consideram de pouca relevância essa prática. Vale ressaltar que o público entrevistado constitui uma média de idade jovem: 19 professores (as) com menos de dez anos de atuação, 14 professores (as) com menos de 20 anos de atuação e apenas 7 professores (as) com mais de 21 anos de atuação em sala de aula (5 dos entrevistados não responderam esse item). É importante destacar que, o estudo das novas tecnologias, como a internet, e o desenvolvimento de teorias que trazem os meios de comunicação como uma ferramenta preciosa para a produção de conhecimento, são estudos relativamente novos, de uma década atrás. Esse resultado já é reflexo de um novo conceito de educação, que não só aceita, como promove o uso dos gêneros jornalísticos e das tecnologias de informação como instrumentos didáticos.

De acordo com os resultados de utilização de material noticioso em sala de aula, seja em formato de texto impresso, fotografia, vídeo, etc., o resultado foi o seguinte: 51% dos professores (as) disseram utilizar os mesmos em sala de aula semanalmente ou mais; 24% disseram utilizar pelo menos uma vez ao mês; 13% afirmaram usar os materiais jornalísticos apenas uma vez a cada dois meses, e ainda, 6% disseram não utilizar nunca os materiais (duas pessoas não responderam). Esse número é significativo, pois mostra que pelo menos a metade dos entrevistados utiliza com frequência os gêneros jornalísticos em sala de aula. No entanto, se compararmos aos



dados acima, que mostram que 94% dos professores (as) consideraram relevante ou muito relevante a utilização dos conteúdos jornalísticos, este resultado deixa de ser tão satisfatório, isso porque, tendo 94% de aprovação, o uso deveria ser mais freqüente. Uma das causas que explica essa diminuição no percentual, deve-se ao fato de muitos professores acreditarem na importância do uso dos meios de comunicação, e, no entanto, não conseguem adaptar os gêneros jornalísticos às suas disciplinas – como é o caso da matemática, a qual os professores reclamam não conseguir encontrar didáticas que insiram e/ou permitam o uso dos textos jornalísticos.

Dentre as mídias de veiculação dos gêneros jornalísticos, mais comuns ao campo de pesquisa, estão a televisão, o rádio, o jornal impresso e a internet. Por isso, a pesquisa levantou os dados em relação à essas mídias, para saber qual delas é mais utilizado em sala de aula pelos professores (as). A tabela abaixo mostra o resultado:

Tabela 1: Comparativo do uso dos veículos de comunicação.

Tipo de Mídia	Percentual de utilização
Internet	93,00%
Impresso	71,00%
Televisão	68,00%
Rádio	17,00%

Em primeiro lugar aparece a internet, utilizada por 93% dos entrevistados. Em segundo lugar está o jornal impresso, utilizado por 71% dos educadores. Na terceira colocação está a televisão, com 68% e, por fim, o rádio, representado por apenas por 17% do total. Esse resultado é a prova de que a internet já ultrapassou o impresso inclusive nas cidades pequenas. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2009, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostraram que 67,9 milhões de pessoas no Brasil com 10 ou mais anos de idade já utilizaram à internet. Esse valor representou um aumento de 112,9% em relação ao ano de 2005, quando a internet tinha 31,9 milhões de usuários.

A internet já é uma realidade para boa parte da população. Aqueles que não possuem acesso a internet em casa, o fazem na escola, na casa de amigos ou em lan house. Além disso, o fato de os professores estarem utilizando a internet demonstra que os mesmos estão acompanhando o desenvolvimento tecnológico e buscam estar em sintonia com ele. No entanto, ainda assim, sabem da importância dos outros veículos de comunicação e não deixam de usá-los, como é o caso do jornal impresso, que aparece em nossa pesquisa como a segunda mídia mais utilizada pelos professores.



Os entrevistados responderam que tipo de sites visitam na internet para obter informações, as quais utilizam como suporte didático na sala de aula. Dentre as três alternativas apresentadas, 1) sites noticiosos (empresas de comunicação, blogs independentes), 2) sites de entretenimento e 3) sites de relacionamento, o que recebeu maior percentual foi a alternativa número 1, sites noticiosos, utilizados por 93% dos entrevistados. Ou seja, todos que utilizam à internet, fazem uso de sites noticiosos. 17% deles também utilizam informações provenientes de sites de entretenimento. No entanto, apenas 8% (4 entrevistados) fazem uso de sites de relacionamento, como orkut, facebook e twitter, por exemplo. Esse é um dado esperado, já que as redes de relacionamento ainda são vistas com um certo preconceito. De modo geral, os sites de relacionamento ganharam má fama por significarem um espaço onde crianças e jovens mantêm contato com pessoas desconhecidas, muitas vezes colocando a disposição delas informações pessoais, que, inclusive colocam em risco a sua vida e de seus familiares. Esse entre outros fatores de risco de fato existem ao utilizar redes de relacionamento. Todavia, essas situações são decorrentes do uso indevido desses sites. É importante destacar a relevância que as redes sociais vêm trazendo para o campo da comunicação, possibilitando um espaço de voz ativa para os indivíduos sociais. Grandes debates sociais, políticos, econômicos, e inclusive criminais, já tiveram início em redes sociais e posteriormente foram discutidos em grandes veículos de comunicação. Os chats (bate-papo online) representam um espaço de discussão social importantíssimo, e esse fator deve sim ser levado em conta. É aí que surge a necessidade de instrução do uso correto desse recurso proporcionado pela internet, que não deve ser apedrejado como uma ferramenta de desordem e sim apresentado como uma arma de promoção de cidadania – ao propiciar um espaço de “liberdade de expressão”.

Marcuschi no texto sobre os Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital (2002) fala sobre o surgimento dessas novas formas textuais trazidas pela internet, como é o caso dos chats, o qual surge a partir do gênero mais praticado no nosso dia-a-dia, que é a conversação. Segundo o autor “Criam-se novas formas de organizar e administrar os relacionamentos interpessoais nesse novo enquadre participativo” (MARCUSCHI, 2002). Desse modo, apesar de continuar sendo o gênero conversação, o enquadre muda, pois ele passa a ser de um gênero oral e realizado de forma pessoal, à um gênero essencialmente escrito e realizado de forma impessoal. Os chats, por exemplo, passam a ser um gênero textual essencialmente participativo, aberto



aos indivíduos integrantes do site de relacionamento, e o mais importante realizados em tempo real. Marcuschi também lembra que:

A idéia de que a cada nova tecnologia, como lembra David Crystal (2001:2), o mundo todo se renova por completo, é uma ilusão que logo desaparece. Novidades podem até acontecer, mas com o tempo percebe-se que não era tão novo aquilo que foi tido como tal. E, particularmente suas influências não foram tão devastadoras ou tão espetaculares como se imaginava. Daí a pergunta: quanto de novo *vem por aí* com a *Internet* em relação aos gêneros textuais? (MARCUSCHI, 2002)

E, ao dizer isso, afirma que os novos gêneros emergentes não surgem “do nada”, eles apenas são uma readequação, de gêneros já existentes, ao novo meio tecnológico que passa a existir. Desse modo, assim como qualquer outro gênero, pelo uso frequente, se tornará um gênero estável, comum pelas características que possui.

Em compensação, se a internet, a mídia mais recente é a mais utilizada pelos professores como fonte de gêneros jornalísticos, o rádio, o segundo mais antigo deles, é o menos utilizado pelos professores. Entre os veículos de comunicação citados na pesquisa, o rádio é utilizado por apenas 17% dos docentes – o que corresponde a 8 pessoas. Um número baixo, mas explicável. Ainda que o rádio seja um veículo de comunicação que possui diversos gêneros textuais jornalísticos, ele é sobretudo um veículo de entretenimento, mais do que outro qualquer, porque passa boa parte do tempo exibindo músicas. Além disso, o rádio, diferente dos demais veículos, pode ser “lido” pelo ouvinte enquanto o mesmo desempenha diversas outras atividades, o que não acontece com os demais. O rádio não exige atenção exclusiva, mas os outros sim. Essa pouca atenção necessária para ouvir rádio, atribui a ele mais qualidades de entretenimento do que noticiosas.

A escola ainda está se integrando as tecnologias. A realidade ainda é o “papel” e o “texto escrito”. No entanto os gêneros orais também são fundamentais e deveriam ser melhor explorados, e, nesse caso, o rádio serve como uma importante fonte de conteúdos a ser explorado.

Ainda comparando o uso dos quatro principais veículos de informação, encontramos o jornal impresso em segunda colocação, utilizado para produção de conhecimento em sala de aula por 71% dos entrevistados. Esse dado revela uma nova tendência (como já dito acima) que é a superação da internet sobre os veículos impressos. Pressupunha-se que os veículos impressos seriam os mais utilizados pelos professores em virtude do fácil acesso ao mesmo, além do fato de ser um material “pálpavel”, o que garante maiores possibilidades para desenvolvimento de atividades



didáticas (uma vez que a escola tem o material escrito como principal ferramenta). Porém, mesmo tendo sido ultrapassado pela internet, o impresso continua sendo de grande importância para a educação, servindo como referência didática para a maioria dos professores.

Até agora apresentamos apenas resultados a respeito dos veículos de comunicação utilizados pelos entrevistados, sendo que, esta se propõem a quantificar o uso dos gêneros textuais jornalísticos na amostra escolhida. No entanto antes de apresentar os resultados encontrados quanto aos gêneros mais utilizados, faz-se necessário explicar que entendemos como significativo verificar não apenas os gêneros utilizados, mas também os veículos em que os mesmos são buscados. Isso porque, assim como definido por Seixas (2009) os domínios devem ser determinantes para definir os gêneros. Por assim entender, uma entrevista seria, por exemplo, um gênero, mas com variações dependendo do veículo em que for apresentada, e assim acontece com todos outros gêneros textuais.

O quadro abaixo mostra os resultados a respeito dos gêneros textuais jornalísticos mais utilizados pelos professores de ensino médio nas três escolas abrangidas pela amostra. O questionário disponibilizou oito gêneros textuais jornalísticos mais comuns:

Tabela 2: Comparativo do gêneros textuais jornalísticos utilizados.

Gênero textual jornalístico	Percentual de utilização
Notícia	73%
Reportagem	68%
Artigo	40%
Charge	31%
Crônica	28%
Editorial	28%
Entrevista	26%
Debate	22%

Os resultados mostram que o gênero textual jornalístico mais utilizado em sala de aula é a notícia (73%), seguida do gênero reportagem (68%). Ambos os gêneros tratam de gêneros jornalísticos voltados especificamente para a divulgação de informações a respeito de fatos recorrentes na sociedade, fatos de interesse público. A notícia aborda os fatos de maneira mais sucinta, sendo um texto curto e prático, enquanto a reportagem aborda os mesmos fatos, mas de maneira mais ampla, inserindo



mais fontes (depoimentos), e por isso, mais torna-se mais longa e complexa. Todavia, ambos os gêneros tem características em comum, e, possivelmente são os mais utilizados pelos professores por representarem os formatos jornalísticos que retratam a realidade social utilizando-se de um tipo textual acessível, que é a narração, tipo de texto trabalhado na escola desde o ensino fundamental. Além disso, as notícias e reportagens existem também em maior abundância nos veículos de comunicação, até porque são gêneros que nasceram com o jornalismo.

A terceira, quarta e quinta colocação na comparação do uso dos gêneros textuais, aparecem respectivamente o artigo (40%), a charge (31%), e empatados a crônica (28%) e o editorial (28%). Os quatro gêneros apresentam em comum a característica de serem opinativos. O único entre os quatro gêneros que ainda se distancia um pouco é o artigo, que em muitos veículos de comunicação é escrito por um especialista que aborda assuntos da sua área de formação – artigos médicos, por exemplo – os quais são importantes fontes de divulgação de pesquisas científicas e aprimoramentos tecnológicos.

No livro “A prática de linguagem em sala de aula” organizado pela autora Roxane Rojo, consta um artigo da autora Rosângela Hammes Rodrigues sobre “O artigo jornalístico e o ensino da produção escrita”, no qual a mesma faz considerações sobre a importância do estudo e prática deste gênero textual jornalístico:

O artigo é um dos gêneros através dos quais, institucionalmente, o leitor pode se colocar na posição de autor. Levar a público, quer no jornal da escola, do bairro, do sindicato, de circulação mais ampla, é tornar-se interlocutor, não espectador, dos acontecimentos sociais. O domínio da produção deste gênero pode se constituir como um dos instrumentos para o “exercício efetivo da cidadania” (PCNs, 1998), para a participação na esfera jornalística, principalmente para as classes populares, que passam a margem dos discursos nessa instituição. (RODRIGUES, in ROJO, 2005, p. 219)

Os gêneros textuais jornalísticos artigo, charge, crônica e editorial, agupam-se deste modo como formatos textuais que apresentam características dissertativas/argumentativas. Eles abordam assuntos da realidade (sejam econômicos, políticos, religiosos, etc) de forma crítica, isto é, com a opinião explícita daquele que escreve. E, apesar de ser um gênero pertencente ao jornalismo, assim como citado por Rodrigues (2005, 215), deve ser explorado em sala de aula, por se tratar de um texto reflexivo que promove a participação crítica social dos alunos.

A produção de textos argumentativos, inclusive, apareceu como a segunda principal atividade realizada em cima de materiais jornalísticos levados para a sala de



aula. Dentre as oito alternativas apresentadas o resultado foi o seguinte: debate 80%; produção de texto argumentativo 53%; questões a respeito do assunto 46%; produção de texto narrativo 22%; produção de crônica 20%; paródia 6%; e teatro 4%. As três principais atividades que aparecem em destaque (debate, texto argumentativo e questões) são atividades reflexivas – a primeira pertencente ao gênero oral e as outras duas ao gênero escrito – e representam mais um dado favorável a concepção de construção de pensamento crítico a partir de materiais jornalísticos. Isso mostra que o público alvo da pesquisa reflete em sala de aula os assuntos abordados pela mídia, o que é fundamental, como já justificado na pesquisa, por exemplo, em virtude da utilização de assuntos da realidade na prova do Enem,

Por entender que os gêneros textuais jornalísticos, nos diversos veículos de comunicação em que se apresentam e pelas diferentes temáticas que abordam, são textos promotores de conhecimento e reflexão crítica, os professores tiveram que avaliar na pesquisa a formação, na escola em que atuam, quanto a preparação do aluno para a “leitura de mundo” (interpretação dos eventos sociais e informações a cerca deles – disseminados em maior escala pelo jornalismo). A tabela abaixo mostra os resultados.

Tabela 3: Avaliação da formação quanto a “leitura de mundo”.

Escola	Avaliação quanto a formação				
	Insuficiente	Baixa	Suficiente	Alta	Não resp.
Escola Estadual Técnica José Cañellas	-	3	7		2
Colégio Agrícola de Frederico Westphalen	-	2	9	2	-
Escola Estadual de Educação Básica Sepé Tiaraju	-	9	10	1	-
Total	0	14	26	6	2

A maioria dos professores entrevistados (26) considerou suficiente a formação dos alunos, em sua escola, para a “leitura de mundo”, e ainda 14 deles consideraram o nível de formação baixo. Se compararmos estes resultado aos dados mostrados no início desta avaliação que revelaram que 94% dos entrevistados consideram relevante ou muito relevante o uso dos textos jornalísticos e que pelo menos a metade deles (51%) utiliza os mesmos semanalmente ou mais em sala de aula, nos deparamos com uma avaliação pouco expressiva. Isso significa que, apesar de os professores estarem sientes da importância dos gêneros jornalísticos, e pelo menos a metade deles utilizarem-nos com frequência, os mesmos acreditam que a formação quanto a “leitura de mundo” deveria ser maior.



Questionamos na pesquisa se os professores acreditavam que existiria espaço na grade curricular para uma disciplina voltada especificamente para a interpretação das mídias, onde se trabalhassem especificamente os gêneros textuais jornalísticos. A maioria, 37% dos professores afirmaram acreditar que existe espaço na grade, mas que não seria fácil inserí-la. 31% responderam haver espaço para a criação de tal disciplina e que seria fácil inserí-la. 20% disseram não haver espaço para esta disciplina na grade curricular, até porque seria difícil de inserí-la. 4% disseram não haver espaço, mas que seria fácil de inserí-la e apenas 2% não responderam a pergunta. Esse resultado mostra mais uma vez (assim como no uso da internet) que os professores estão abertos para a inserção dos gêneros jornalísticos, bem como a inserção das novas tecnologias no espaço escolar, pois estão cientes da sua importância para a formação dos alunos.

Esse posicionamento mostrado pelos professores pode ser justificado por outro resultado da pesquisa. 17 dos professores consideram altíssimo o nível de influência dos meios de comunicação (não somente o jornalismo) sobre a formação intelectual e moral das gerações atuais, 14 consideram alto o nível, 7 médio, 6 baixo e 1 disse não haver influência. Ou seja, 31 professores (68% dos entrevistados) consideram de alto a altíssimo o nível de influência dos meios de comunicação, e, por assim entenderem, acreditam que existe a necessidade de a escola preparar os alunos para o contato com os meios de comunicação. Acreditam na necessidade de trabalhar textos jornalísticos (leitura e produção) para melhor formar o aluno para a “leitura de mundo” e participação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa mostram que nas cidades pequenas e interioranas, como Frederico Westphalen, acompanhando as tendências no campo da comunicação/educação, os meios de comunicação, com destaque para a produção jornalística, vêm sendo cada vez mais utilizados como material didático para pesquisa e reflexão na produção de conhecimento.

A mídia exerce influência sobre os seres humanos, isso é fato, e também revelou-se consenso entre a maioria dos entrevistados nesta pesquisa. Isso justifica o fato de os professores procurarem utilizar os gêneros jornalísticos em suas disciplinas, pois há o entendimento de que é necessário educar a leitura crítica das mídias.



A pesquisa foi significativa também ao revelar que os professores já utilizam como mais frequência a internet como veículo para a busca de gêneros jornalísticos, ultrapassando o material impresso, que sempre foi o mais acessado pelos educadores em virtude do fácil acesso e possibilidades didáticas. A presença da internet mostra, de maneira local, a tendência mundial da inserção dos indivíduos sociais na rede (web) e a utilização desta como uma ferramenta de relacionamento social, busca de informações.

Com os dados quantitativos levantados pela pesquisa fica traçado um perfil da utilização dos veículos de comunicação e da utilização dos gêneros textuais jornalísticos no Ensino Médio das Escolas Pública de Frederico Westphalen, dados estes que possibilitam as próprias instituições e município a avaliar o seu processo educativo e propor novas ações.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- GIL, A. C.. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002.
- _____. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: "Gêneros Textuais: Constituição e Práticas Sociodiscursivas". Cortez, (no prelo).
- RODRIGUES, R. H. **A prática de linguagem em sala de aula**. In: ROJO, R. (org). **A prática de linguagem em sala de aula**. Praticando os PCNs. São Paulo: Mercado de Letras, 2005. Disponível em: <www.books.google.com.br>.
- SEIXAS, L. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**. Proposta de novos critérios de classificação. Covilhã: LabCom Books, 2009. Disponível em: <www.livroslabcom.ubi.pt>.
- THOMPSON, J. B. **A Mídia e a modernidade**. Uma teoria social da mídia. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TRAVAGLIA, L. C. **A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies**. São Paulo: Alfa, 2007.